

Comércio da Póvoa de Varzim

PUBLICAÇÃO SEMANAL ÀS QUINTAS-FEIRAS
Director e editor—M. A. Frazo
Red. e adm.—Praça da República
Propriedade da Imprensa de «O Comércio»

Jornal independente, defensor dos interesses locais e
o de maior circulação no concelho

ASSINATURAS — Semestre, 7500; Provincias e aldeias, 8000,
17500; Gotães, ano 30000
Brasil — Ano, (moeda brasileira) 80.000 reis
ANÚNCIOS — Linha 800. Permanentes: prop. convencional.

AVENIDA

CONTRIBUIÇÃO BENDITA

A Comissão angariadora de donativos para a Casa dos Pescadores Póveiros, do Rio de Janeiro, enviou na última semana a valiosa quantia de 22 MIL ESCUDOS.
Bem hajam os estremosos patriotas que em além-mar, muito longe da sua terra, já-mais se esquecem das instituições beneméritas do seu torrão natal.

RUMORES DUMA FESTA O valor dum bom réclamo

Não se pode desvanecer facilmente da memória a admirável impressão que causaram as festas assuncionistas. E se é do maior louvor a pompa, a magnificência mesmo d'alguns números do programa não é também para esquecer os muitos milhares de pessoas que aqui estiveram nos três dias de festa, concorrência tão desusada que nenhuma outra lhe je a Póvoa têm presenciado adentro dos seus muros.

Mais uma vez ficou posta à evidência que um réclamo excelentemente lançado e dante-mão preparado dá os mais satisfatórios resultados e tão magníficos que sómos nós hoje quem nos assombra mos com essa estúpida invasão de forasteiros que se despejaram na nossa vila.

E' muito rançoso entre nós o costume de lançar-se o pré-gão das solenidades quer religiosas quer civis mesmo ás portas da ocasião onde se têm de realizar os festejos, e este mau hábito faz nos ressentir duma concorrência que era licita esperar mas que se torna muitas vezes escassa porque o chamariz, a propaganda foi quasi nula, quando, em muitos casos, não é nenhuma!

Não nos serve o exemplo de outras terras que pompieiam as suas festividades com laudatórios réclamos, prometendo mundos e fundos quando—quantas vezes!—todo esse apregoado estendal de diversões não passa duma refinada vigarice. Mas o povo que não cuida dessas dolosas intenções e o que só deseja é divertir-se, ocorre em mas a atraído pelo espa-ventoso programa e ei-lo a encher de movimento, vida e fatura essas localidades que tiveram a habilidade do bom réclamo.

A Póvoa—com justiça e honra se registra—tém por timbre sustentar e manter o que promete nos seus programas: e as diversões que proporciona ou as festividades que se têm como nomeada não as oferece como uma cilada antes as oferece como segura garantia dos seus compromissos.

Razão justificativa esta para nutrirmos vaidade pelos nossos empreendimentos dignos duma melhor expansão e dum mais largo conhecimento.

E', pois, restrita obrigação nossa lançar á publicidade com profusão e a tempo as nossas festas que são das mais galhardas em brilhantismo, as nossas diversões que dão uma nota de realce á nossa praia para quem devemos volver as nossas mais carinhosas atenções.

O nosso banhista, que muito nos estima, gosta de ver a nossa terra movimentada, cheia de vida, animada com a presença de milhares de forasteiros que aqui vêem passar algumas horas no doce convívio de toda esta grande comunidade que vive adentro desta Póvoa de encantos. Carreemos para ela todas as iniciativas que a toinem grande; loquê-mo-la com os mais ricos atavios que lhe possamos oferecer e que a façam invejada; tornemo-la espalhada por todos os recantos de Portugal e de além-mar, fazendo a conhecida como a rainha das praias portuguesas e propagandemo-la como justificativo orgulho de sermos seus filhos.

Este o nosso dever!

Leopoldino Leureiro

João Frasco Júnior

Foi há dias colocado no escritório da nossa redacção, um magnifico retrato do nosso saudosissimo director, sr. João Frasco Júnior, falecido em Setembro do ano último.

Perante a imagem simpática do dedicado amigo do «Comércio», que desde moço se amigou com alma e coração ao progresso deste jornal, se descobrem reverentemente todos aquelles que nestas casas trabalhavam actualmente, e que em Frasco Júnior encontraram um amigo e conselheiro sincero e dedicado.

Comandante da Região

No penúltimo domingo esteve na nossa praia, acompanhado de seus ajudantes, tendo presidido á tourada que nesse dia se realisou no Stadium Gomes Amorim, o sr. Coronel Craiveiro Lopes, comandante da 1.ª Região Militar. S. ex.ª retirou-se no mesmo dia para o Porto.

Dr. Elisiário Monteiro

Foi promovido a coronel-médico do quadro do Ultramar o nosso distinto conterrâneo e presado amigo sr. Dr. Elisiário Monteiro, que há pouco regressou de Lourenço Marques. Felicitemos sinceramente o sr. Dr. Elisiário Monteiro, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

ALGUMAS NOTAS RELATIVAS A GOMES DE AMORIM

A comemoração centenária do nascimento de Gomes de Amorim foi levada a efeito, nesta vila, com a simplicidade própria das manifestações sinceras e destiladas. Teve o mesmo cunho que teve a vida do poeta e prosador illustre que muito honrou as letras nacionais.

Assim mesmo é que devia ser, embora alguns pontos do programa não pudessem ter sido realisados, por falta inesperada de elementos, a que foram estranhos os promotores da comemoração.

Kura a história da vida de Gomes de Amorim e para a apreciação das suas obras, houve—e deve ser registado este facto—uma erudita conferência do Professor da Faculdade de Letras, na Universidade do Porto, Dr. Hernâni Cidade. Constituiu essa conferência um notável trabalho, sem dúvida o mais completo e mais cabalmente feito, de que há conhecimento, sobre a personalidade literária de Gomes de Amorim.

Esse estudo, só por si, é um monumento ao poeta dos «Cantos Matutinos».

Já agora, e dado o método científico que o douto Professor Hernâni Cidade empregou, esse estudo é indispensável a quem quizer interior-se do valor literário de Gomes de Amorim.

Há várias biographias, de mais ou menos amplas, de Gomes de Amorim. A que apresenta o tomo I do dico. Português—pag. 460/3, é dos mais aproveitáveis.

A da Enciclopédia Port. Illustr., de Maximiano de Lemos, tomo I, s. v. Amorim, da pena de Firmino Ferreira, apresenta, por tratado de outros, o promotor de que Gomes de Amorim descendia dos Coudeiros de Amorim. Pura fantasia isso.

O apelido de Amorim é nobre, pois vem no Armorial. Os indivíduos que o usam, como nobres, vêm de familia galega, que o tomou talvez das povoações com o nome de Amorim, que há na provincia de Lugo. De Condes de Amorim nenhuma noticia há, mas sim do rico—homem que fundou solar e torre, no alto Minho, a que deu o seu apelido—Amorim.

Na freguesia em que o poeta nasceu—S. Tiago de Amorim—há muitas familias de apelido Amorim e Morim. No alto Minho e na Beira Litoral há outras povoações denominadas de Amorim.

Atnda há que notar o facto de Gomes de Amorim ter nascido em Averomar—hoje freguesia—logar de S. Tiago de Amorim, ao tempo já muito povoado e sobre a praia.

A população de Averomar tinha e têm sobre a da antiga sede de freguesia, uma accentuada differença etnográfica, própria das povoa marítimas.

No capítulo I de As Duas Fiandeiras referiu-se a Avelmar (=Averomar), que descreve em sobrios mas coloridos traços, e volta a referir-se ás serras de Barroso e S. Felix, acrescentando que também se avistavam de Avelmar os pinheirais de Terroso e Laundes.

Ora Gomes de Amorim cometeu um erro e reincidiu nele, e em nove anos (1858—1866, datas das publicações das citadas obras) não quiz repôr as coisas no seu logar ou nem tal lhe passou pelo mente.

Esses erros palmares de corografía eram merecedores de uma dázia de bem puxadas palmatoadas do mestre Curval, porque a serra ou melhor planalto de Barroso não se pode avistar da poética aldeia, tão celebrada pelo seu mimoso poeta. O que lhe queria dizer era serra de Terroso; e ainda assim errava, porque em Terroso (e em Laundos ou S. Felix) não há serras mas sim colinas e monte respectivamente e são contrafortes da serra de Rates, que pertence, todavia, ao mesmo sistema orográfico do planalto de Barroso e de outras serras.

Ninguém, pode calcular o esforço que Gomes de Amorim dispendeu para se illustrar, e que saíra alfabeto da sua terra e levou no Brasil uma vida de aventuras e entre selvagens. A obra em que elle revela a maturação completa da sua grande intelligência e a cópia dos seus conhecimentos é nas Memórias de Garrett.

Nesses três volumes Gomes de Amorim dá-nos um perfeito método de investigação a fazer para a critica da vida e obras dum escritor. Em muitos anos precedeu elle os creadores da critica literária com sciência em Portugal, que são ainda em recuadissimo número.

Nota final: Gomes de Amorim auferia da sua situação burocrática o fabuloso vencimento de 500.000 reis annuaes! E não tinha outros recursos...

Manuel Silva

Missa

A confraria do S. S. Sacramento manda celebrar, no próximo sábado, ás 9 horas, uma missa resada, para sufragar a alma do seu benfeitor João Gomes de Castro.

TEATRO

Companhia Ilda Stichini— Raúl de Carvalho

Estreia-se hoje no nosso teatro esta excelente companhia dramática dirigida pela distinctissima actriz que lhe dá o nome e que é, na actualidade de seu consteatação, uma das primeiras figuras da scena portugueza.

Hoje representa se a peça «Intimigos»; amanhã, a peça «Dicki»; no sábado, o original português do dr. Alfredo Cortez, «Lourdes»; o primeiro drama romântico de Pinheiro Chagas, «A Morgadinha de Valflôr»; e na segunda-feira a peça «A Vertigem».

Consta-nos que há grande interesse em assistir a representação da peça «Lourdes» que tão enorme successo tem alcançado e que é uma das maiores manifestações do talento do distincto dramaturgo dr. Alfredo Cortez.

Que sejam cinco enchenes é o que desejamos sinceramente.

Comentários

Póveiro Adventício

Ao iniciar, esta época, as suas scienciaes crónicas para o «Progresso», «Póveiro Adventício» declara-se reconhecido pela recepção carinhosa que este ano teve, ao chegar á Póvoa, por parte das suas figuras de maior representação,—o que de veras o confundiu e comoveu. Não têm de quê.

O «Póveiro Adventício» mereceu tudo aquilo e ajuda merecia muito mais. E muito mais se lhe teria feito se a sua reconhecidissima modestia não se escandalisasse com qualquer recepção estronosa que, porventura, se lhe quizesse oferecer.

Quem, como o «Póveiro Adventício» tanto têm sabido engrandecer a terra que uma vez escolheu para nela repousar por algum tempo das suas afanosas lides de um ano inteiro—não deve mostrar-se confundido nem agradecido perante as demonstrações de amizade que os habitantes dessa terra lhe possam manifestar; antes deve sentir-se orgulhoso—mas dum orgulho santo—por se ver assim compreendido na sua cruzada de bem fazer.

Os póveiros poderiam ser ingratos ou, pelo menos, não compreender os nobilissimos sentimentos do nosso illustre hospede. E, então, «Póveiro Adventício» deveria sentir bem fundado, no coração, em gratidão ou mesmo esse despezo.

Felizmente os póveiros, os autênticos póveiros, não são ingratos e sabem compreender o bem que se lhes faz!

E, por isso, não podiam deixar de compreender que caracteres como o de «Póveiro Adventício» corações assim tão bem formados e plenos de tanta generosidade como o dele—não se encontram por aí a todos os momentos, que uma vez encontrados, se devem acarinhá-los e estimar como aviz rara, como um dom precioso com que a Providência nos quiz mimosar.

Temos, actualmente, em «Póveiro Adventício» mais que um amigo, um verdadeiro irmão, que mesmo longe de nós, no meio do turbilhão da vida intensa da capital não se esquece da Póvoa e de todas as suas coisas, por elas se interessa com um amor de verdadeiro filho esforçando-se sempre por lhe conseguir, servindo-se de suas muitas relações pessoais e do seu elevado cargo official, a satisfação das suas mais instantes necessidades.

Não é preciso innumerar o que em tão poucos anos elle já se tem conseguido para a Póvoa. Todos nós o sabemos.

Pode, pois, o «Póveiro Adventício» acreditar que todos os póveiros dignos deste nome o estimam e lhe querem como a um seu conterrâneo de verdade.

Assim, a recepção que se lhe fez, tão expontânea como só o pode ser uma manifestação com aquelle carácter do íntimo, embora repleto de sinceridade, foi não só um acto de gratidão e amizade, mas, sobretudo, um acto de justiça.

E onde há justiça não há favor.

Todos nós, o que fomos á gare do caminho de ferro apresentar os nossos respetos a essa personalidade tão simpática quanto amiga do «Póveiro Adventício» na sua chegada a esta terra para fazer o seu costumado veraneio—só cumprimos um dever, só praticamos um acto de inteira justiça.

Por isso aquela sua declaração de que muito o comoveu e confundiu a recepção que lhe foi feita eu volto a repetir: Não têm de quê.

Plat